



## VIDA E FELICIDADE

Mesmo para aqueles que não têm uma crença religiosa ou filosófica, a vida não está limitada aos aspectos biológicos. O ser humano é o único ser vivo capaz de atribuir significados às suas experiências e que busca compreender e interpretar o mundo em que vive. Isso pode ser feito por meio da religião ou das ciências humanas.

A falta de sentido pode causar sofrimento e vazio existencial. A escultura de Albert György (2012-) expressa esse vazio. Ela representa um homem sentado no banco de uma praça, de cabeça abaixada. Ele está sozinho e tem um enorme buraco no lugar do peito.

Ao buscar o sentido da sua vida, uma pessoa pode encontrar aquilo que entende ser a sua missão ou o seu propósito. A realização pessoal é uma consequência desse encontro. Nesse sentido, podemos compreender o vazio do homem retratado como a ausência de propósito.

[...] Você não passa a ser feliz perseguindo a felicidade. Você se torna feliz vivendo uma vida que signifique alguma coisa. As pessoas mais felizes que você conhece provavelmente não são as mais ricas ou mais famosas, provavelmente não são aquelas que mais se esforçam para serem felizes, lendo os artigos, comprando livros ou seguindo a moda. Desconfio que as pessoas mais felizes que você conhece são aquelas que se esforçam para serem generosas, prestativas e confiáveis – e a felicidade entra de mansinho em suas vidas enquanto elas estão ocupadas com este esforço. [...]

KUSHNER, Harold. *Quando tudo não é o bastante*. Tradução de Elizabeth e Djalmir Mello. São Paulo: Nobel, 1999. p. 14.

Cada pessoa é única e insubstituível, portanto o sentido que cada um atribui à sua existência é exclusivo. As religiões e as filosofias de vida podem ajudar o ser humano na busca por um sentido na vida; com isso, ele se torna uma pessoa mais motivada, resistente e resiliente.

GYÖRGY, Albert. *Melancolia*. [2013-2014]. 1 escultura, liga de cobre e estanho. Genebra.



## CONCEITOS DE MORTE

Como seres biológicos, sabemos que somos finitos. Um dia, toda vida física chega ao fim. Por não ser possível evitarmos esse fato, ele pode causar desconforto.

Durante muito tempo, considerava-se morte quando o coração deixava de bater e o ser vivo parava respirar. Com o avanço da ciência, a morte passou a ser entendida como um processo em que os órgãos param de funcionar de maneira gradual.

Atualmente, ainda que alguém não consiga respirar sozinho ou esteja em coma, é possível utilizar aparelhos que auxiliam no funcionamento dos órgãos. Legalmente, a morte é declarada quando há a chamada morte cerebral (ou encefálica), caracterizada pela parada completa e irreversível da atividade cerebral. Com os aparelhos atuais, mesmo após a morte cerebral, é possível manter o coração e alguns órgãos em atividade por alguns dias, o que é importante, a fim de conservá-los para o caso de doação.

Além dos aspectos biológicos e jurídicos, existem concepções espiritualistas ou religiosas relativas à morte. Para as crenças que admitem a existência da alma (ou do espírito), a morte é o momento da separação entre ela e o corpo.

Socialmente, o ser humano busca maneiras para entender e lidar com a morte desde a Pré-História. Para estudar esse período, as principais fontes históricas são vestígios arqueológicos.



©Shutterstock/Siam\_Photo



©Shutterstock/Syda Productions



©Shutterstock/Laszlo66

Construções, túmulos e pinturas rupestres são alguns dos principais documentos estudados para compreender os grupos humanos pré-históricos. Analisando essas fontes, diversos pesquisadores chegaram à conclusão de que, já na Pré-História, havia algum tipo de crença em vida após a morte e de ritual fúnebre (ou mortuário).

Em 2013, um esqueleto humano, provavelmente da época da ocupação romana na Grã-Bretanha (aproximadamente no ano 40), foi descoberto na região de Yorkshire, norte da Inglaterra.



© Yorkshire Water

Para o arqueólogo da Northern Archaeological Associates, Chris Pole, que acompanhou a obra, o local da descoberta teria sido um antigo cemitério romano e a posição fetal em que o esqueleto foi encontrado possivelmente simboliza o nascimento.

[...] encontrando nos povos da pré-história o costume de enterrar os mortos dentro de um vaso de argila, com os membros encolhidos na forma do embrião humano, podemos supor que tais povos [...] acreditavam na sobrevivência do homem depois da morte, pois esta é a crença dos povos primitivos atuais que empregam o mesmo sistema de enterrar seus mortos...

PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da humanidade*. 4. ed. São Paulo: Loyola. 2005. p. 11.

Os sepultamentos são alguns dos vestígios mais antigos de práticas relacionadas à religião. Segundo estudiosos, desde a Pré-História, havia preparações para o sepultamento e podiam ser colocados, junto ao falecido, pertences pessoais e diversos objetos rituais, como armas e alimentos. Os objetos que acompanhavam o falecido no túmulo ou que eram depositados sobre ele e os rituais mortuários variavam de acordo com o *status* do indivíduo no grupo, o gênero, a idade e a causa da morte.

Mesmo nos dias atuais, a morte pode ser encarada de diferentes maneiras, de acordo com as concepções de cada cultura.



©Shutterstock/Dina Julayeva

No México, por exemplo, o Dia dos Mortos é uma festa, que é considerada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. Em vez de lamentada, a morte é festejada uma vez ao ano, entre os dias 31 de outubro e 2 de novembro.

Nesse dia, as famílias se reúnem para homenagear os entes queridos falecidos. Acreditam que, nessa data, as almas ou os espíritos visitam a Terra. A animação é grande, pois consideram uma honra manter contato com os parentes. As famílias montam, então, em suas casas, altares com fotografias dos falecidos e oferecem comida. Essa celebração também pode ocorrer no cemitério, com a família reunida para uma refeição sobre o túmulo do ente querido.

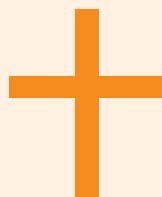
Apesar de mais de 80% da população mexicana se declarar cristã, a religiosidade popular do país é bastante misturada com as crenças dos indígenas, que são os povos nativos da região.

Veja o que algumas religiões ensinam sobre a morte.

**Judaísmo:** Apesar das diferentes correntes, com diversas concepções, os judeus acreditam na imortalidade da alma, na vida após a morte e no Juízo Final. O judaísmo tradicional prega que todas as almas passam por um período de purificação e depois vão para o Jardim do Éden espiritual, onde aguardarão o Juízo Final para retornar ao seu corpo, que terá sido reconstituído. A partir de então, serão imortais e viverão ao lado de Deus.



**Cristianismo:** A fé na ressurreição de Jesus Cristo e na sua mensagem são essenciais para obter a vida eterna após a morte. Os cristãos acreditam em Céu e Inferno, lugares para os quais as almas podem ir segundo o seu merecimento. As religiões cristãs interpretam de maneiras diferentes o que acreditam levar ao Céu ou ao Inferno e a possibilidade de interceder pela alma dos falecidos.



**Islamismo:** A crença em Deus (Alá) oferece a possibilidade de ultrapassar a condição mortal. Os islâmicos acreditam no Juízo Final e, para aqueles que a merecerem, na dádiva da vida eterna.

**Hinduísmo:** O carma e a reencarnação são aspectos centrais do hinduísmo. O sentido da vida está na superação do eu individual e das ilusões que impedem o conhecimento da realidade divina. Os hinduístas acreditam que, quando a alma se livra das ilusões e, portanto, do ciclo de reencarnação, ela se une à energia divina, de onde poderá ser enviada para animar outro ser vivo.



**Budismo:** O sentido da vida é ultrapassar o sofrimento. Algumas escolas budistas acreditam na reencarnação da alma; outras supõem que a alma é uma energia finita. Grande parte dos budistas, assim como dos hinduístas, crê que, ao se libertar do ciclo da reencarnação, a alma se une à energia divina, de onde poderá ser enviada para animar outro ser vivo.

Independente das crenças e dos conceitos sobre vida e morte, alguns valores como o amor, a esperança, a alegria, o perdão e a compaixão nos tornam pessoas melhores para o mundo. A vida é uma experiência, e o propósito das religiões é ajudar o ser humano a se tornar uma pessoa melhor para conviver em harmonia com as outras pessoas e com a natureza.